

## FRAGMENTAÇÃO URBANA E TURISMO NO PARQUE DAS NAÇÕES-LISBOA.

### URBAN FRAGMENTATION AND TOURISM AT THE PARQUE DAS NAÇÕES-LISBON.

Rafael H. Teixeira da Silva<sup>1</sup>  
Camila Benatti<sup>2</sup>

Recebido em 05/09/2014

Aprovado em 30/04/2015

<sup>1</sup> Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus Rio Claro e Bolsista CAPES. [rafahts@hotmail.com](mailto:rafahts@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Geografia na Universidade Federal do Ceará. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). [camilabenatti@hotmail.com](mailto:camilabenatti@hotmail.com).

#### RESUMO

São perceptíveis as inúmeras mudanças que ocorreram na sociedade ao longo das últimas décadas, principalmente relacionadas a um regime de acumulação flexível, surgimento de novos estilos de vida e mudanças tecnológicas, que tiveram como um de seus efeitos mais claros, a fraturação do território em um mosaico com especificidades. Com o intuito de melhor apreender como se deu esse processo de constituição de novas centralidades e seus principais impactos na cidade de Lisboa, onde, por meio de um grande evento regenerou-se uma área industrial decadente, que este ensaio foi realizado. Deste modo, foram analisadas algumas bibliografias que abordam as ações realizadas no Parque das Nações, ressaltando os principais pontos referentes às intervenções realizadas na área, com o intuito de contribuir para a reflexão sobre a forma como a freguesia estudada pode vir a ser melhor integrada com outras áreas da cidade. Dentre as questões mais relevantes abordadas, é ressaltada a exclusão da participação de algumas populações que estavam localizadas na área, do processo de tomada de decisões. Nesse âmbito, constatou-se que a maioria dos estudos apresentados não aborda e nem aprofunda a questão da “limpeza social” realizada na antiga zona da Expo’ 98, hoje Parque das Nações. Em consequência a este fato, constatou-se a ocorrência da realocação de inúmeras famílias que se encontravam na freguesia, excluindo-as do processo e dos benefícios da revitalização da área. Visou-se, assim, levantar algumas questões, em um contexto atual de dificuldade econômica, sobre a forma como os equipamentos de lazer e turismo que se encontram nesta área, podem vir a funcionar como catalisador de mudanças sociais positivas.

#### PALAVRAS-CHAVE

Fragmentação Socioespacial. Turismo. Centralidade. Parque das Nações.

#### ABSTRACT

The many changes that have occurred in society over the last decades are noticeable, mainly related to a regime of flexible accumulation, rise of new lifestyles and technological changes, which had as one of its most clear effects, the fracturing of the territory in a mosaic of specificities. In order to apprehend how this process of constitution of new centralities occurred, and its main impacts in the city of Lisbon, where, through a great event a decaying industrial area was regenerated, that this essay was realized. Therefore, some bibliographies that address the action undertaken in the Nations Park were analyzed, highlighting the main points relating to interventions in the area, in order to contribute to the reflection on how the parish studied might be better integrated with other areas of

the city. Among the most relevant issues addressed, it is stressed the exclusion from participation of some populations that were located in the area in the decision-making process. In this context, it was found that most of the studies presented does not address or deepens the question of "social cleansing" carried out in the old part of Expo '98, today, Parque das Nações, relocating several families who were in the parish, excluding them from the process and benefits of the revitalization of the area. In a current context of economic hardship, the aim was mainly to raise some issues and questions about how leisure and tourism facilities located in that area, could act as a catalyst for positive social change.

### **KEYWORDS**

Socio-spatial fragmentation. Tourism. Centrality. Parque das Nações.

## **1. SOBRE A FRAGMENTAÇÃO URBANA.**

O presente ensaio discorre a respeito das dinâmicas sócio-espaciais e a reorganização do espaço urbano, com enfoque para a fragmentação sócio-espacial que o turismo causa no mesmo. Para o desenvolvimento do ensaio será utilizada a premissa elucidada por Barata Salgueiro (2006) ao afirmar que foi a partir da segunda metade do século XX que o turismo sofre um intenso crescimento, e que, este fator, se tornou de grande relevância para as intervenções realizadas no espaço urbano.

Alguns autores vêm argumentando sobre o esvaziamento e recolonização do espaço urbano (CARLOS 1996; MOREIRA 2006; SALGUEIRO 2006), e apontam como principal eixo desse processo a perda da hegemonia dos centros, a construção e a organização de novas centralidades na metrópole, agora policêntrica. Esse novo entendimento do espaço, fragmentado e descontínuo, ocorre devido, principalmente, ao surgimento de novos estilos de vida e de mudanças tecnológicas que influenciaram a vida do homem na sociedade contemporânea. Neste contexto, a atuação conjunta de alguns fatores como a democratização das viagens, a redução da carga horária de trabalho, o aumento da renda e da capacidade de mobilidade, e as maiores condições para crédito, ajudaram a contribuir na metamorfose sócio-espacial do mundo pós-moderno (SALGUEIRO, 2006).

Para melhor compreender o contexto histórico das mudanças que vêm ocorrendo na sociedade nas últimas décadas, se faz interessante tomar como base as elucidações de Georges Benko (1996) e a análise da escola regulacionista. Este debate se deu no final da década de 1960 e começo de 1970

quando ocorre a crise do fordismo e o surgimento de um novo regime de acumulações e suas dinâmicas espaciais, o que leva a uma transformação qualitativa das organizações das forças produtivas sob as relações de produção do capitalismo. Esse novo regime provoca mudanças nos modos de produção e de consumo, na reestruturação espacial da sociedade e na redefinição do conteúdo ideológico do espaço, assim como uma nova divisão social e espacial do trabalho, influenciando e, até mesmo, regulando, as relações da sociedade. Ainda nesse sentido, Benko (1996) afirma que o colapso desse modelo não é causado somente por fatores internos, mas também pela internacionalização econômica. Assim, esse novo regime de acumulação flexível abriu um leque de perspectivas na reorganização do processo de produção global. O principal impacto despertado por estes fatores foi a fraturação do sistema produtivo em um mosaico de territórios com certas especificidades. Dessa forma, pode-se dizer que a fragmentação sócio-espacial é resultado dessa nova organização territorial que está em processo de produção, e, ademais, é possível reconhecer o turismo como um dos principais fomentadores desta dinâmica.

Destarte, as relações sociais que são essenciais no cotidiano do indivíduo ocorrem num espaço cada vez mais fragmentado, dividido por meio de formas de apropriação para o trabalho, lazer, moradia ou consumo. É nesse âmbito, das relações sociais, que a exclusão espacial é definida, pois como se constata nos movimentos de socialização do espaço e da espacialização do social, um vai de encontro ao outro, de forma unívoca. É importante lembrar, sobretudo, que a premissa básica para o desenvolvimento deste estudo é o conceito de espaço defendido por Milton Santos (2006, p. 39), definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações que interagem em um quadro único, onde um influencia o outro de forma dinâmica, tornando o espaço suscetível à mutações.

Neste sentido, um autor que vem confrontar com o conceito de fragmentação – tal como é assumido por alguns autores da Geografia – é Walter Rodrigues (2010). Este autor debate algumas questões em sua obra sobre a fragmentação espacial, afirmando que a mesma é uma mera questão de escala e ainda que é uma “...desnecessária, e incorreta, substituição dos conceitos de *desigualdade social urbana e coexistência de grupos sociais heterogêneos*, pelo conceito de fragmentação” (RODRIGUES, 2010, p. 177). Rodrigues (2010) argumenta ainda, que, as discussões sobre fragmentação social e fragmentação da organização espacial, não podem ser dispostas no mesmo plano, pois, estariam contribuindo para “limitar o valor heurístico potencial daqueles conceitos,

transformando-os em conceitos caóticos, por várias razões que remetem para tantos outros problemas analíticos” (RODRIGUES, 2010, p. 176).

É ainda nessa direção que realmente deve se questionar a forma como o pensamento geográfico consegue captar as mudanças constantes que acontecem nas cidades, principalmente nas regiões metropolitanas, onde essas metamorfoses têm um caráter mais veloz, sem serem meros padrões formais ou tipologias, que muitas vezes se verificam ineficazes metodologicamente e equivocados nos seus objetivos de prever e apoiar nesse constante processo de mutações.

No entanto, presume-se que os estudos sobre os processos de fragmentação sócio-espacial são uma forma de refletir sobre a imbricação de novas tendências, tal como elas se expressam no espaço contemporâneo. Essa afirmação se baseia no fato de que a fragmentação sócio-espacial venha evidenciar os processos de diferenciação que são produzidos pelo homem, que segundo Harvey (2000), ocorrem dentro da órbita de acumulação de capital, incentivados pela promoção de novos estilos de vida. Nesse sentido, é exatamente com o intuito contrário ao que Rodrigues (2010) se refere que se torna necessário aprofundar os conhecimentos a respeito desse tema, pois como uma das principais características da sociedade contemporânea ela, muitas vezes, se expressa sem ter um significado explícito, mas que, em sua gênese encontram-se fatores ligados à subversão da ordem excludente como uma marca de existência.

Ao contrário do pensamento de Rodrigues (2010), a definição e o debate do conceito de fragmentação sócio-espacial visam o desenvolvimento da compreensão da sociedade em si, e a análise empírica desses fatores aplicados no cotidiano. Não obstante, Harvey (2009) diz que a única estrutura conceitual adequada para a compreensão da cidade deve englobar e relacionar o comportamento social como o modo que a cidade assume certa forma geográfica. Nesse domínio, o processo de produção do espaço é também processo de reprodução da vida humana, onde o lugar se apresenta como o fragmento desse espaço, o ponto de articulação entre o mundial e o local.

Um ponto de vista interessante para esse tema é o que enquadra o lugar como fração do espaço, onde é possível assimilar muitas coisas a respeito do mundo contemporâneo, pois, é no lugar que se manifestam as diferenças, as desigualdades e as situações de conflitos. O processo de homogeneização do espaço como produto da mundialidade é perceptível aos nossos olhos, processo

este que cria lugares onde cada vez mais as relações estão ligadas ao valor de troca, ao invés do valor de uso. Isso se verifica também a partir do momento onde há a impossibilidade de apropriação por parte das pessoas, onde, é necessário comprar um ingresso para usufruir do espaço e de alguma forma de lazer, devido à imposição da propriedade privada. Assim, o espaço vai se dividindo em parcelas consumíveis, nas quais a classe social do indivíduo é quem determina de que forma ele vai se apropriar do espaço; ou ainda mais grave, de qual parcela do espaço ele pode se apropriar. Dessa forma, se verifica que o espaço social se apresenta como suporte material e imaterial para as relações sociais, sendo a fragmentação um instrumento de poder político, que separa e divide para reinar (CARLOS, 1994).

Muitas cidades estão dando lugar aos espaços públicos instrumentais, voltados predominantemente para o consumo e para a recreação paga. Dessa forma, seleciona-se as pessoas que podem pagar por esses serviços e garantem o acesso quase que restrito. Ainda neste panorama, que se visa explorar de que forma a produção destes espaços denominados “*Premium*” (GRAHAM E MARVIN, 2001), estão sendo combinados com a configuração das redes de infraestrutura urbana para apoiar os processos de fragmentação. Um dos temas ressaltados no presente ensaio é exatamente explorar de que forma a produção desses espaços, que em sua maioria tem o turismo como um de seus vetores, está sendo combinada com a configuração das redes de infraestrutura para apoiar o processo de fragmentação.

Ainda segundo Graham e Marvin (2001), esses lugares são particionados de sítios perigosos, diferentes e pobres, fazendo com que haja cada vez mais lugares abandonados por esse modelo moderno de infraestrutura, onde há o confinamento e a exclusão de grupos sociais, e onde a participação nos benefícios dessa moderna rede urbana são cada vez mais problemáticos, muito devido ao abandono do ideal urbano coeso e integrado. Quer dizer, toda vez que se prioriza algum lugar dentro de um contexto urbano, intrinsecamente estão sendo deixados de lado outros lugares, o que só vem a agravar esses processos de diferenciações que ocorrem na cidade.

Segundo Saligne (1999), as mudanças que ocorreram nos valores, necessidades, objetivos e técnicas da sociedade, afetaram a forma como a mesma se relaciona com o espaço, e, por conseguinte, a metamorfose das formas materiais. Esses fatores levaram, segundo a autora, ao surgimento de uma nova forma urbana, onde ocorre a fragmentação e a explosão na produção e

apropriação dos territórios por indivíduos, grupos ou empresas. A autora relaciona a fragmentação social com o aumento da diversidade da estrutura social, e a fragmentação espacial atrelada aos processos que fazem explodir territórios, construindo assim, uma metrópole policêntrica. No entanto, por levarmos em conta que o processo de produção do espaço encontra suas raízes no processo de reprodução da vida humana, usaremos o termo fragmentação sócio-espacial, por ser um termo que corresponde melhor ao processo que se estabelece nos lugares que tem como maiores influências os fatores tecnológicos, informacionais e econômicos, e também por ser mais condizente com as premissas aqui apresentadas. Como se refere Santos (2006), ao usar o termo fragmentação do espaço, seria considerar que os objetos materiais, que constituem a paisagem, têm vida própria, o que seria um equívoco.

Apesar das dinâmicas que ocorrem nas relações entre sociedade e espaço produzirem inúmeras características, Salgueiro (1999) cita quatro principais que são causadas por este processo, sendo: a perda da hegemonia do centro e o surgimento de novas centralidades; a nova organização espacial onde há contiguidade/proximidade sem haver continuidade; o surgimento de áreas funcionalmente mistas; e por fim, o crescimento da des-solidarização na metrópole. Dentre esses itens, daremos enfoque para o surgimento de novas centralidades, por ser um dos temas centrais deste ensaio, e de áreas funcionalmente mistas, contendo habitações, comércio, escritórios e áreas de lazer, pois condiz com os modelos urbanísticos mais utilizados nas metrópoles policêntricas. Como fatores relevantes para essas características destacadas, a autora afirma que devido principalmente ao aumento do desemprego, os governos foram levados a desenvolver estratégias capazes de atrair capitais e visitantes, num quadro de mudança de políticas, onde os eventos são vistos como uma forma de trazer visibilidade e funcionar como catalisador de mudanças na paisagem urbana.

Em virtude de inúmeros fatores, como alguns já apresentados anteriormente, houve uma reestruturação da sociedade que levou a cidade a se tornar extremamente volátil, fragmentada, descentralizada e heterogênea no seu sentido mais amplo – cultural e politicamente, e nos modos de vida – fator este que pode ser constatado em várias metrópoles do mundo (SOJA, 1994). Caminhando neste sentido Graham e Marvin (2001), dissertam a respeito da forma como o planejamento urbano é fracionado e voltado para as necessidades dos produtores e vontades dos consumidores. Esse modelo de planejamento se encontra menos preocupado com a racionalidade ou os critérios de bem estar social, gerando assim, lugares altamente diferenciados. Assim, o que viria

a justificar as mudanças propostas pela infraestrutura moderna é o fato do poder social estar diretamente conectado com a habilidade de se mover rapidamente no espaço.

Como foi visto, existem inúmeros fatores para as mudanças que ocorrem na sociedade, e alguns são os resultados da forma como estes fatores refletiram nas relações da sociedade com o espaço, fazendo com que as cidades se metamorfoseiem constantemente para que se atinja certo modelo específico de vida urbana, movido por inúmeras necessidades ou vontades que até certo ponto são próprias da vida humana. No entanto, por outro lado, estão ligadas à supremacia do capital. Desse modo, foi constituído um novo modelo urbano que exerce o desarranjo da infraestrutura e o fracionamento urbano, resultando na perda da hegemonia do centro e o surgimento de novas centralidades nas cidades.

Perante a contextualização elucidada que introduz algumas questões acerca da fragmentação urbana, o presente trabalho busca cumprir uma estrutura que perpassa por pontos relevantes para atingir os objetivos e termos da investigação proposta. O principal intuito da pesquisa é compreender como se deu o processo de constituição de novas centralidades e seus principais impactos no Parque das Nações-Lisboa, onde, por meio de um grande evento regenerou-se uma área industrial decadente.

É rigorosamente, nas articulações entre o crescimento da atividade turística e a fragmentação sócio-espacial no Parque das Nações-Lisboa, que este trabalho será compreendido. Nesse sentido, esta localidade foi escolhida devido às profundas reformulações urbanas corolárias à realização da Exposição Mundial de 1998 (Expo'98) na cidade de Lisboa, e ao grande fluxo turístico gerado por tais mudanças. Para o melhor conhecimento das principais características encontradas no Parque das Nações, realizou-se visitas exploratórias pela freguesia, e ainda, algumas leituras consideradas essenciais para a apreensão da área estudada. A metodologia utilizada apoia-se em dados secundários, a partir de livros, periódicos e páginas virtuais. O corpo metodológico foi complementado pela observação participante, buscando ficar o mais próximo possível do fenômeno estudado (LAURIER, 2003), e assim presenciar o fluxo turístico no dia-a-dia da freguesia, fato que permitiu a recolha de dados por meio de notas e fotografias, o que ajudou na compreensão da área estudada.

A partir da determinação dos objetivos e das metodologias de investigação foi possível a elaboração estrutural do trabalho, que se inicia com uma breve introdução acerca das questões da fragmentação urbana e que se segue para um debate em torno da centralidade e das novas centralidades do espaço urbano. Posteriormente, desdobrou-se uma discussão sobre o papel do turismo nas cidades, dirigindo-se para o caso específico do Parque das Nações na cidade de Lisboa, Portugal. Deste modo, o estudo que se segue procura compreender as relações entre a fragmentação urbana e as possibilidades que a atividade turística procura desenvolver e recriar no local de estudo.

Portanto, para os devidos fins, acredita-se que a orientação desta construção metodológica e teórica contribui significativamente para a sistematização necessária para o cumprimento dos domínios em causa e dos objetivos expressados. Assim, considera-se que o conjunto metodológico de investigação permitirão a recolha de informações exploratórias e de relevância necessárias para a temática científica central para o desenvolvimento de pesquisa.

## **2. EM TORNO DA CENTRALIDADE.**

Como foi discutido, os processos de reprodução da sociedade geraram algumas dificuldades na dinâmica urbana, devido muito ao sistema globalizante, onde as relações sociais são mediadas pela mercadoria. Desse modo, a diluição das relações sociais se afirmou como uma vertente bastante comum na sociedade contemporânea, se reafirmando nos espaços, dividindo o mesmo em parcelas consumíveis e apropriáveis para inúmeros fins. Esses processos vão além de fragmentar o espaço, atuando também como produtores de uma multiplicidade de centros, que tem como origem os movimentos de atração e expulsão da população do centro para a periferia (CARLOS, 1994).

A respeito desse assunto Salgueiro, afirma que:

“A rede de centralidades que caracteriza as actuais áreas urbanas é uma conseqüência dos processos descritos de mudança: o centro não é mais o que costumava ser e as periferias desenvolveram-se e adquiriram muitas funções anteriormente características do centro, tal como as áreas intermediárias. Deste modo, em territórios vastos onde se dispersam as actuais metrópoles individualizam-se áreas com especialidades diversas, bairros dormitórios, concentrações de emprego, às vezes muito especializado, zonas de compras e de lazer entre as quais partilham as deslocações dos cidadãos, numa rede mais complexa e volátil de escolha.

Estas novas centralidades são espaços de grande valor pela sua localização, pela qualidade e pelo prestígio do sítio e dos edifícios; são os sítios mais adequados para os negócios, que oferecem maior qualidade de vida às famílias, que propícias maiores economias” (Salgueiro, 2006, p.15).

Uma autora que contribui para esse debate é M. Sposito (1998), ao afirmar que a redefinição da centralidade urbana, mesmo não sendo um processo relativamente recente, ganha novas dimensões devido aos impactos das transformações atuais, ressaltando principalmente, a utilização do automóvel e a grande importância do lazer e do consumo, redefinindo assim, o cotidiano das pessoas e a coerência da localização e dos usos dos equipamentos no meio urbano. Sposito (1998) ressalta que, mesmo com o automóvel se inserindo como um dos eventos que permitiram o fim da centralidade única, não significa que toda a sociedade tenha acesso a esses novos nós de centralidade urbana, e que, se a cidade não é mais compacta e organizada hierarquicamente, é a intensificação da fluidez que representa a possibilidade de produção de continuidade que dificilmente é constatada no tecido urbano.

Como já ressaltado, o surgimento de novas centralidades nas cidades contemporâneas é um processo que vem ocorrendo há algum tempo e seus efeitos ainda estão por ser absorvidos, até mesmo, pela velocidade que as mudanças acontecem nos núcleos urbanos. Como substrato do processo de fragmentação urbana a poli-centralidade se revela uma característica constituinte das urbes, que apresenta a fluidez como fator de coerência. Nesse contexto, onde a flexibilidade se relaciona com equipamentos de lazer e consumo, é que o turismo se insere nesse debate destacando a sua atual relevância para as intervenções realizadas no espaço urbano.

### **3. O PAPEL DO TURISMO**

Segundo Adyr Rodrigues (2001) o estudo sobre o lazer urbano na Geografia aspira desmascarar ou ilustrar a criação de formas espaciais na paisagem urbana e por meio dos processos sociais pretende-se apreender suas funções e estruturas. A autora relata que as mudanças nas estruturas econômicas, assim como, as novas formas de relações de trabalho, urbanização crescente, postergação da velhice, entre outros fatores, possibilitaram que o as atividades de lazer e turismo assumissem, conjuntamente, um papel de grande relevância devido aos empregos gerados, desempenhando uma função expressiva na balança de pagamentos e arrecadação de impostos.

Bustos Cara (1996) coloca o turismo como uma atividade relacionada primariamente com o âmbito econômico, mas também como um dos requisitos da sociedade moderna em constante transformação. O que, faz desse fenômeno, do ponto de vista territorial, um grande consumidor de espaço, que atua como produtor e transformador de alta magnitude. Essas atividades produzem imagens e representações nas localidades que permeiam tanto nos agentes e nos viajantes, como também nos autóctones de cada local específico. O autor diz que os estabelecimentos dessas imagens são inesgotáveis, mas podem ser destruídas enquanto recurso, pois há um grande risco neste trajeto, onde ao mesmo tempo que imagens são produzidas elas de alguma forma passam a moldar a sociedade.

Desse modo, o turismo aparece como uma forma de regulamentação da utilização e apropriação do espaço. As transformações mundiais e a velocidade das trocas aumentam as possibilidades de impactos sobre as estruturas sócio-territoriais, o que requer uma constante observação desses processos.

Em outro importante estudo desenvolvido por Adyr Rodrigues (1996) o turismo é apresentado incontestavelmente como um fenômeno altamente expressivo econômica, política, social e culturalmente e a autora coloca em questão os impactos mais marcantes dessa expressão, ressaltando essa “revolução” promovida pelo lazer e turismo.

Ainda segundo Rodrigues (1996) a partir da segunda guerra mundial:

“... a cidade é alardeada como o monstro causador de estresse. Assim surge a ‘indústria’ do lazer e do turismo, que erige a viagem como a única forma de livrar-se das neuroses urbanas, do cotidiano constrangedor das cidades, como se o trabalho fosse sempre massacrante e a viagem funcionasse sempre como garantia do bem-estar” (RODRIGUES, 1996, p. 22).

Esse fenômeno essencialmente urbano revela-se como uma das mais importantes formas de reprodução do capital, onde o consumo ajuda a impulsionar a instalação de equipamentos para suprir essa necessidade por espaços de lazer. Nesse meio é significativo ressaltar a obrigação de se abordar a compreensão do turismo como fenômeno social e o seu papel na organização do espaço,

assim como, observar o impacto da atividade turística sobre as comunidades locais, como ressalta Rodrigues (1997) em seus objetivos dos estudos turísticos.

#### **4. O PARQUE DAS NAÇÕES.**

Primeiramente é importante ressaltar a intensa relação que a cidade de Lisboa tem com a água, sendo que o município desenvolveu-se até o final do século XIX por meio de uma estreita faixa ribeirinha, como afirma Gaspar (1999). Um acontecimento que foi um marco da mudança de comportamento da cidade com a área costeira, teve início na década de 1990, com a inserção de um novo planejamento do município e a implantação do Plano Estratégico de Lisboa e do Plano Diretor Municipal. Esses eventos ocorreram concomitantemente à candidatura e aceitação, em 1992, da cidade como sede da Exposição Mundial de 1998 (Expo'98).

É neste contexto que Soares (1999), como coordenador do Plano Estratégico de Lisboa e do Plano Diretor Municipal, afirma que a Expo'98 foi uma oportunidade de renovar e requalificar a Zona Oriental de Lisboa de forma concreta e dinâmica. Sendo que um erro que o próprio arquiteto admite foram algumas mudanças presentes no plano original que permitiram uma operação urbanística baseada nos componentes de residência e escritórios.

A freguesia Parque das Nações, localizada na faixa oriental da cidade de Lisboa, nasceu da Zona de intervenção criada para a Exposição Mundial de 1998 (Expo'98). Criada a partir da anexação de uma parte da antiga freguesia de Santa Maria dos Olivais e de fragmentos das freguesias de Sacavém e Moscavide, o Parque das Nações possui uma área aproximada de 4,15km, 11.527 edificações e uma população de 21 mil habitantes de acordo com o último recenseamento realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) em 2011.

Por ser uma zona de indústrias obsoletas e desativadas, e contar com uma área de habitação pobre, foi realizado o realojamento de várias famílias que se encontravam em bairros de habitação social. Portas (1999) cita alguns acordos que deram prioridade às infraestruturas da área e tiveram por consequência a “limpeza radical” do local e dos acessos à região da Expo.

Para a realização das obras do plano de urbanização a área foi subdividida em dois grupos: a zona da Expo'98, que teve como responsável a empresa pública criada para a realização da exposição, chamada Parque Expo'98, SA; e a área envolvente, de responsabilidade da Câmara Municipal. É nesse sentido, que se questiona até que ponto o modelo adotado não dificulta o entrosamento da área da Expo com as áreas circundantes e o restante da cidade, ou seja, será que a centralidade criada pelo evento beneficia os núcleos ao seu redor e a própria cidade de forma homogênea? O que se pode afirmar com alguma certeza é que ao se priorizar os investimentos públicos para a revitalização desta zona, outras áreas foram colocadas em segundo plano.



Figura 1- Parque das Nações  
Fonte: Arquivo dos autores.

Wemans (1999) argumenta sobre alguns projetos que foram abandonados ao longo das obras, como a construção de um centro de artes, de um heliporto, da ligação por meio de comboios com o aeroporto e de um espaço de recreação infantil, e cita o fracasso anunciado do “custo zero” das obras, onde, supostamente haveria um perfeito equilíbrio entre despesas e receitas. É nesse sentido que o autor expõe a experiência de Sevilha, que poderia ter servido de exemplo, onde os fatos ocorreram de forma semelhante e o valor das obras foi muito maior do que o planejado. Construído para comportar algo em torno de 25 mil habitantes, e de 15 a 18 mil trabalhadores, a qualidade de vida seria a porta de entrada para essas pessoas.

Além de contribuir para o estímulo econômico e a fidelização de novos fluxos turísticos, o projeto pretendeu atingir, ainda, a reabilitação de uma área urbana degradada e a reafirmação da tradição marítima portuguesa como forma de melhorar a imagem do país, em particular na Europa, como afirma Machado (2006). Relacionado principalmente com o último aspecto, o tema da exposição – Os Oceanos, um Patrimônio para o Futuro – visava relacionar a ciência, a política e a cultura, destacando a importância dos oceanos para o desenvolvimento do planeta. O autor relata que a zona de intervenção foi escolhida dentre três opções, onde a mesma se destacou por ser uma área marginalizada face ao tecido urbano, por possuir acessibilidade favorável e pela proximidade com a linha de ferro, o aeroporto e eixos rodoviários.

Dentre outros aspectos negativos, Machado (2006) cita os problemas em manter altos padrões de qualidade urbana nos espaços públicos devido ao ritmo e pressão da construção e as dificuldades de regular o tráfego e o estacionamento. Esses acontecimentos podem ser entendidos como um dos objetivos não explícitos do projeto, mas que se encontravam nas origens da ideia da constituição de uma área padrão que serviria de referência para o futuro.



Figura 2 - Parque das Nações  
**Fonte:** Arquivo dos autores

A questão dos benefícios e a nova centralidade criada pelo evento trazem para os núcleos ao seu redor e para a própria cidade, já foi levantada. No entanto, o livro sobre os impactos culturais da Expo'98 (SANTOS, *et al*, 1999) contesta a extrema concentração do evento em uma área, considerando que, algumas iniciativas de circulação do evento pelo país, ao menos como divulgação, poderiam vir a contribuir para um enraizamento nacional das dinâmicas desenvolvidas na zona da Expo. Contudo, é ressaltada no livro a integração de Portugal no roteiro cultural europeu por meio do evento e a grande importância do convívio coletivo de diferentes pessoas e grupos sociais num mesmo local. Os autores realçam ainda, o papel secundário que o município de Loures, que compreende uma parcela menor da zona aonde foi realizado a Expo, na qual, a nova centralidade constituída ficou em parte alheia ao município, talvez devido a uma filosofia menos elitista de ocupação do parque urbano.

O componente que chama mais atenção na publicação de Santos (*et al*, 1999) sobre os impactos que a Expo causou é o fato de elementos como ambiente agradável, zona ribeirinha e jardins, que em conjunto, foram fatores que agradaram a quase 60% dos visitantes, por outro lado, os preços dos alimentos e bebidas, a falta de sombra e de bebedouros, e a falta de zonas de descanso, somados chegam a mais de 70% de desagrado entre os visitantes. O que pode facilmente ser notado aqui, é a falta de coerência nas respostas dos visitantes, onde, os elementos de maior desagrado vão totalmente contra os fatores de maior agrado.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Foi abordado aqui o tema da fragmentação urbana, tomando como exemplo o caso do Parque das Nações, com o intuito maior de contribuir para o conhecimento da recomposição sócio-espacial de regiões urbanas, tendo como objeto específico a fragmentação e a constituição de novas centralidades na metrópole de Lisboa. Nesse âmbito, constatou-se que a maioria dos estudos apresentados não aborda nem aprofunda a questão da “limpeza social” realizada na antiga zona da Expo' 98, hoje Parque das Nações, realocando inúmeras famílias que se encontravam na freguesia, excluindo-as do processo e dos benefícios da revitalização da área.

Para apreender como se dá o processo de fragmentação sócio-espacial nas cidades, em virtude, principalmente, do surgimento de um novo regime de acumulações e suas dinâmicas, e o

aparecimento de novas centralidades, que tem como grande fomentador os equipamentos de lazer e o turismo, que o presente ensaio foi realizado. Sendo que, em um contexto de crise econômica deve-se voltar o olhar para essa importante zona econômica, residencial, de lazer e turismo, e perguntar o que essa área pode oferecer para contribuir de alguma forma para a suavização dos impactos causados pela crise na região de Lisboa e em Portugal como um todo, ressaltando assim, a relevância e atualidade do assunto.

O Parque das Nações pode, de algumas formas, ser utilizado para valorizar e afirmar a cultura lusófona em um momento de realce internacional da mesma, devido à recente declaração do Fado como patrimônio imaterial da humanidade pelas Nações Unidas pela Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Assim, podem ser realizados eventos de inovação cultural, que incentivados pela própria população e pelo capital social da região metropolitana de Lisboa, podem vir a proporcionar uma visibilidade externa e afirmação internacional. Portanto, seria incentivada também a chegada de novos visitantes, contribuindo para um aumento nas receitas dos moradores da cidade, fatores estes que são relevantes em um contexto de produção do significado urbano, funcionando como um catalisador de mudanças sociais positivas na vida desses moradores, e esperançosamente gerando bem estar social por meio de espaços mais humanos e solidários.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARATA SALGUEIRO, T. Lisboa, metrópole policêntrica e fragmentada. *Revista Finisterra*, Universidade de Lisboa, Portugal, 32(63), p. 179-190, 1997

\_\_\_\_\_. Ainda em torno da fragmentação do espaço urbano. *INFORGEO* 14, p. 65-76, 1999.

\_\_\_\_\_. Oportunidades e transformações na cidade centro. *Revista Finisterra*, Universidade de Lisboa, Portugal, XLI, 81, p. 9-32, 2006.

BEAUJEU-GARNIER, J. *Geografia Urbana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

BENKO, G. *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. São Paulo: Hucitec, 1996

BUSTOS CARA, R. El turismo y los procesos de transformación territorial. In: RODRIGUES, Adyr B. (org.). *Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARLOS, A. F. A. *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo: FFLCH, 1996

\_\_\_\_\_. O lugar: modernização e fragmentação. In: SANTOS, M. et al (org.) – *Fim de Século e Globalização*. São Paulo: HUCITEC, 1994.

FERRREIRA, V, M.; INDOVINA, F (org.) - *A Cidade da Expo '98*. Lisboa: Bizâncio, 1999.

GASPAR, J. As frentes de água no contexto estratégico do desenvolvimento da A.M. Lisboa. In: FERRREIRA, V, M.; INDOVINA, F. - *A Cidade da Expo '98*. Lisboa: Bizâncio, 1999.

GRAHAM, S. MARVIN, S. *Splintering Urbanism. Networked infrastructure, technological mobilities and the urban condition*. Londres: Routledge, 2001.

HARVEY, D. *The Urbanization of Capital: Studies in the history and theory of capitalist urbanization*. Oxford: Blackwell, 1985.

\_\_\_\_\_. Capitalism: The factory of fragmentation. In: *From modernization to globalization: perspectives on development and social change*. Ed. Roberts, J. and Hite, A. Oxford: Blackwell, 2000.

\_\_\_\_\_. *Social Justice and the City*, Revised Edition. Londres: University of Georgia Press, 2009.

LAURIER, R. Participant Observation. In: CLIFFORD, N. VALLENTINE, G. (Eds.) – *Key Methods in Geography*. Londres: Sage, 2003, 116-130.

MACHADO, A. *Os espaços públicos da exposição do mundo português e da EXPO' 98*. Lisboa: Parque Expo' 98, SA, 2006.

MOREIRA, C. *A Geografia e o gênero: um encontro urbano*. Os tempos e os espaços nos territórios de Coimbra. Porto: Fundação Eng. Antonio de Almeida, 2010.

PORTAS, N. O Pós Expo e o resto à volta. In: FERRREIRA, V, M.; INDOVINA, F. - *A Cidade da Expo '98*. Lisboa: Bizâncio, 1999.

RODRIGUES, A. B. Desafios para os estudiosos do turismo. In: Rodrigues, A. B. (org.). *Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. Geografia do Turismo: novos desafios. In: Trigo, L. (org.) *Turismo: como aprender, como ensinar*. São Paulo: Ed. Senac, 2001.

RODRIGUES, W. *Cidade em Transição. Nobilitação Urbana, estilos de vida e reurbanização em Lisboa*. Lisboa: Celta editora, 2010.

SANTOS, M. SOUZA, M. A. A. SILVEIRA, M. L. (org.) *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. SOUZA, M. A. A. SCARLATO, F. C. ARROYO, M. (org.) *Fim de Século e Globalização*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª Ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, M. D. L. L. D., & COSTA, A. F. D. *Impactos culturais da Expo'98: uma análise através da imagem mediática*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturales, 1999.

SOARES, L. J. O planeamento urbano de Lisboa e a Expo'98. In: FERREIRA, V, M.; INDOVINA, F. - *A Cidade da Expo '98*. Lisboa: Bizâncio, 1999.

SOJA, E. O desenvolvimento metropolitano pós-moderno nos EUA: virando Los Angeles pelo avesso. In: SANTOS, M. et al (org.) – *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SPOSITO, M. E. B. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. *Território*, Rio de Janeiro, Ano III, n. 4, jan/jun, 1998.

WEMANS, L. A Expo' 98 – Da avaliação económica aos custos sociais. In: FERREIRA, V, M.; INDOVINA, F. - *A Cidade da Expo '98*. Lisboa: Bizâncio, 1999.

### **Sites Consultados**

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. Disponível em: <<http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/junta-de-freguesia-do-parque-das-nacoes>>. Acesso em: 16 abril 2015.

JUNTA DE FREGUESIA PARQUE DAS NAÇÕES. Disponível em: <<http://jf-parquedasnacoes.pt>>. Acesso em: 16 abril 2015.

PORTAL DAS NAÇÕES. <<http://www.portaldasnacoes.pt/item/localizacao/>>. Acesso em: 17 abril 2015.

PORTAL DO INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Disponível em: <[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_main](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main)>. Acesso em: 17 abril 2015.